



Praça Portugal entre o Material e o Virtual: Espaços para Vivências Políticas¹²

Ana Cesaltina Barbosa Marques³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Ao analisar a migração das relações entre grupos juvenis freqüentadores de uma praça pública para o ciberespaço, percebe-se como o ambiente virtual configura-se em nova arena para experiências políticas. O político é então vivenciado por meio do exercício do direito à diferença, do pertencimento à determinada tribo, da reivindicação do direito de ocupar o espaço público e de manifestar-se livremente.

PALAVRAS-CHAVE: culturas juvenis; ciberespaço; comunidades virtuais; política.

“Habitamos todos os meios com os quais interagimos. Habitamos (ou habitaremos), portanto, o ciberespaço da mesma forma que a cidade geográfica e como uma parte fundamental de nosso ambiente global da vida.”
(LÉVY, 1999, p. 196)

A democracia eletrônica não está no acesso à conexão técnica ou ao conteúdo difundido por jornalistas e especialistas. Pierre Lévy (1999), afirma que a verdadeira democracia eletrônica está na utilização do ciberespaço como “sistema aberto de autcartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação dos saberes” (1999, p. 196).

Neste artigo, analisarei reflexos de uma praça pública existente no espaço físico e também projetada no ciberespaço, buscando avistar vivências políticas. Os grupos juvenis freqüentadores da Praça Portugal, localizada no bairro Aldeota, em Fortaleza, no Ceará, mantêm comunidades virtuais⁴ no site de relacionamentos Orkut⁵. Nesse

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Trabalho realizado com apoio da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por meio de bolsa de pesquisa.

³ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará, e-mail: anacesaltina@gmail.com.

⁴ Agrupamento de pessoas ligadas por interesses, conhecimentos e projetos mútuos que cooperam entre si e realizam trocas independentemente de proximidades geográficas e filiações institucionais (LÉVY, 1999, p.127)

⁵ Orkut: site de relacionamentos virtuais desenvolvido pela empresa Google, em que o público brasileiro constitui maioria (53%, em junho de 2008). Acessível em www.orkut.com.



ambiente do ciberespaço⁶, práticas grupais são engendradas, vínculos entre freqüentadores são reforçados, a ocupação do espaço público e a livre expressão no território são discutidas. O fenômeno será observado com a intenção de perceber aspectos que possam falar sobre como as noções de território e espaço público migram para o ciberespaço, constituindo uma nova arena para o político.

A validade da interação social no ciberespaço e sua influência na manutenção dos vínculos entre os sujeitos no espaço físico constituem pano de fundo para a questão apresentada. A análise das cenas descritas nos espaços material e virtual pode contribuir para a discussão sobre as proposições dos críticos da cibercultura, que apontam para o isolamento dos sujeitos e o colapso da vida social provocados pela expansão da comunicação mediada pelo computador. Por outro lado, os relatos põem à prova a crença numa tendência à interconexão, que detonaria espontaneamente processos de inteligência coletiva e exercícios de cidadania.

A observação das vivências dos freqüentadores da Praça Portugal, tanto no espaço material quanto no virtual, é feita com uma postura que busca ressaltar descritivamente as experiências.

Do Material para o Virtual

Definir “praça” como área pública não construída dentro de uma cidade, destinada ao descanso e ao lazer⁷ é citar um conceito pelo menos reducionista. Nas metrópoles contemporâneas, as praças se modificaram, bem como seus usos. Hoje estão marcadas por um design fundamentado na visualidade da paisagem e nem sempre são capazes de se estabelecerem como lugar de convívio na esfera de vida pública.

“A questão central para o projeto da praça (contemporânea) se remete menos à visualidade da paisagem e mais à visibilidade dos lugares”, afirma Eugênio Fernandes Queiroga (2003, p.1). Trata-se de um espaço feito não para estar, mas para ser um adorno da cidade. As praças das metrópoles foram sendo esvaziadas por diversas razões, entre elas as falhas na segurança pública.

O advento do automóvel também é um fator de transformação do espaço urbano. Com a arquitetura e o urbanismo moderno-racionalista, os prédios foram sendo

⁶ Ambiente virtual criado a partir da conexão mundial de computadores em que a circulação de mensagens de diversas formatações – texto, som, imagem - subverte o esquema dos meios de comunicação de massa (modelo um-todos). Há, no ciberespaço, uma multiplicidade de emissores e receptores (modelo todos-todos).

⁷ Definição apresentada pelo dicionário Houaiss, em consulta à versão on-line. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=pra%E7a&stype=k>



afastados das praças na medida em que o espaço público foi tornando-se local para circulação e estacionamento de veículos. Somente com o urbanismo contemporâneo, o pedestre retoma espaços perdidos para os automóveis (QUEIROGA, 2003, p.1).

Observa-se em muitas situações, sobretudo nas cidades grandes e médias do novo mundo, um enfraquecimento na relação entre o chão e as “paredes” (os edifícios do entorno imediato) da praça. Algumas praças efetivamente sumiram diante do espaço destinado aos veículos, outras ficaram reduzidas à condição de rotatórias. (QUEIROGA, 2003, p.1)

A condição de rotatória é a que caracteriza a Praça Portugal, localizada no bairro Aldeota, em Fortaleza, no Ceará. Seu formato circular se interpõe no cruzamento das avenidas D. Luís e Desembargador Moreira. Está cercada por shoppings e prédios comerciais. Diariamente, em diversos momentos do dia, um fluxo intenso de veículos demarca o fosso entre a praça e as edificações do entorno. O local é pouco freqüentado, apesar dos bancos à disposição do público. Exceto nas tardes e noites de sábado, quando se reúnem no lugar dezenas de jovens, de diversas tribos. São grupos que apresentam certa homogeneidade estética, lingüística e cultural influenciadas pelo consumo de um determinado tipo de produto da indústria cultural: as chamadas tribos.

A Praça Portugal foi inaugurada no final da década de 60. Nos anos 80, feirinhas comercializavam flores, comidas típicas e artesanato que atraíam freqüentadores ao local. Esse fluxo cessou e a praça voltou a ser freqüentada novamente no final dos anos 90 por jovens que se aglutinaram em torno de interesses específicos.

Os atuais freqüentadores contam que, aos poucos, foram chegando fãs da cultura japonesa (chamados de *otaku*) e de RPG (*role playing game*, ou jogo de interpretação de papéis). Eles encontraram na Praça Portugal um ambiente mais livre do que os shoppings, para a realização de seus encontros. Esses jovens incomodavam os comerciantes dos shoppings, local onde aportaram inicialmente, por ocuparem as mesas destinadas aos clientes e não consumirem⁸. Essa é a mais forte das hipóteses que explicam o que levou esses sujeitos da “geração shopping center” a desafiar o intenso tráfego de veículos e a ocuparem a praça.

As falas dos freqüentadores indicam que o boca a boca espalhou a notícia sobre um espaço de liberdade e segurança para os encontros de sábado. Liberdade por não ser um local de passagem de pedestres, portanto livre de olhares censores. Segurança por estar no coração de um dos bairros nobres da cidade, em território dos mais bem

⁸ Informações coletadas nas falas dos membros da comunidade Praça Portugal do Orkut.



guardados pelos serviços de segurança pública. Por essas e outras razões, essa geração de frequentadores foi crescendo e se diversificando. Atualmente, além de otakus e fãs de RPG, há fãs do estilo musical denominado emocore (chamados emo), de heavy metal (chamados head bangers), entre outras tribos.

Quem circunda a praça de carro nas tardes ou noites de sábado, percebe a efervescência os jovens reunidos, mas não tem a exata noção da diversidade das trocas feitas ali. Cada tribo tem seus interesses e estilos específicos, que se explicitam no jeito de vestir-se e comportar-se em público. É preciso conhecer os códigos para reconhecer os sinais que identificam a que tribo cada sujeito pertence. Mas juntos, eles se misturam e suas práticas também. Muitos não são exemplares puros de uma tribo e vêm no território da praça um espaço de trocas de informações e experiências de naturezas diversas.

O jogo de “ser ou não ser” entre frequentadores da Praça Portugal aponta modelos difundidos pela mídia. *Emos*, *otakus* e *head bangers* são tribos importadas, que chegam como pacotes a serem consumidos para a caracterização de identidades e/ou diferenças, considerando variáveis como gosto musical, moda e comportamento. São outros meios de constituir comunidades, que vão além da simples identificação territorial, vinculada à cidade ou nação. Nesses processos, os meios de comunicação têm papel central no estabelecimento dessas identificações de outras naturezas (LEAL, 2006, p.184).

A denominação “emo” vem de emotional hardcore, vertente do punk que mescla som pesado com letras românticas. O gênero emocore nasceu em Washington, na década de 80. Em seu vestuário, os *emos* mesclam a rebeldia punk com ícones infantis. Os cabelos lisos, com enormes franjas no rosto, são marca característica. Em geral, comportam-se com emotividade, dão demonstrações explícitas de carinho, aceitam a opção sexual do outro sem preconceitos, opõem-se à violência.

Os *otakus* cultuam a cultura pop japonesa e podem se caracterizar como personagens de animações e mangás, numa prática denominada de *cosplays*. Em japonês, o termo “otaku” é empregado para designar um fanático por determinado assunto. Sujeitos que se isolaram socialmente, numa relação de adoração por segmentos diversos da cultura pop japonesa: filmes de monstros, jovens cantoras, games, pornografia virtual e uma infinidade de assuntos. No Brasil, como no Ocidente de uma forma geral, o termo é empregado para designar fãs de animações e quadrinhos.



Os *head bangers*, fãs de *heavy metal*, transferem o peso do som para o comportamento. Frequentemente usam camiseta preta com estampa da banda favorita, acompanhado preferencialmente por jeans desbotado e botas. Para completar cabelos compridos e desarrumados. A expressão *head-bangers* (balançadores de cabeça) faz referência ao movimento de cabeça característico da dança dos metaleiros, jogando os cabelos compridos para o ar.

Os frequentadores da Praça Portugal organizaram espaços de interação também na rede mundial de computadores. Criaram comunidades virtuais no site de relacionamento Orkut e lá mantêm contato com uma frequência aleatória, já que o acesso às enquetes ou aos fóruns de discussão⁹ é livre, a qualquer hora. Dessa forma, eles não precisam esperar pelo sábado para se juntarem a seus pares.

No ciberespaço, as dinâmicas de inter-relação entre os sujeitos e os grupos de frequentadores da praça guardam similaridades às observadas no encontro presencial. No site de relacionamentos Orkut, os membros das comunidades virtuais encontram também meios para indicar ou negar a pertença a uma determinada tribo: a descrição sobre si no perfil, a imagem utilizada no espaço previsto para fotos, as preferências anunciadas, a galeria de imagens e vídeos apresentados, entre outros.

Entre as comunidades virtuais do site de relacionamentos Orkut que reúnem frequentadores da praça, está a de nome “Praça Portugal”¹⁰. Ela será tomada para observação das questões já apresentadas por ser a de maior em número de membros: 1.350¹¹. Foi criada dia 8 de novembro de 2004, e é do tipo moderada, ou seja, há regras estabelecidas para entrar e ali permanecer. O comportamento dos membros é monitorado pela figura do moderador.

Encontros e Confrontos entre o Material e o Virtual

Ao observar a comunidade virtual Praça Portugal, é possível indicar aspectos da praça material que migram para o ciberespaço. Seria a conformação de uma praça virtual? Queiroga (2003) caracteriza as praças como espaços voltados ao encontro no âmbito da esfera de vida pública. E, como espaço, a noção de praça transcende a forma

⁹ Nos fóruns de discussão on-line, a comunicação se dá virtualmente, de forma assíncrona. Em geral, os comentários postados nos tópicos se relacionam entre si, formando um diálogo.

¹⁰ Endereço eletrônico da comunidade “Praça Portugal” no Orkut: <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=706566>

¹¹ Número de membros da comunidade virtual Praça Portugal, do site de relacionamentos Orkut, dia 18 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=706566>

ou a paisagem, apresentando-se como um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações.

Afirmado-se a praça como espaço, importa qualificá-la a partir da natureza dos eventos nela verificados, tanto ou mais que pelo sistema de objetos. Quem define a praça é o que nela se realiza. (QUEIROGA, 2003, p. 1)

Na Praça Portugal material, o cimento do “estar junto” (MAFFESOLI, 2006) entre os jovens frequentadores é constituído por encontros e confrontos relativos aos gostos musicais, à moda, à paquera, à orientação sexual, ao estabelecimento de amizades, entre outros ingredientes. Na comunidade virtual “Praça Portugal”, o material de ligação não é diferente. Por meio de enquetes e fóruns de discussão, essas práticas, próprias das relações presenciais, migram para o ambiente virtual, apesar da dispersão geográfica dos sujeitos. Desse modo, uma das faces simbólicas da Praça Portugal se projeta no ciberespaço. A face simbólica da Praça Portugal referida é aquela que surge a partir das ações realizadas pelas tribos que a visitam aos sábados.

A comunidade virtual “Praça Portugal”, no Orkut, destaca-se diante do conceito mais geral que define esse tipo de agrupamento de pessoas no ciberespaço: sujeitos ligados por interesses, conhecimentos e projetos mútuos que cooperam entre si e realizam trocas independentemente de proximidades geográficas e filiações institucionais (LÉVY, 1999, p.127). O que liga esses jovens não é exatamente um interesse específico, já que cada tribo tem os seus. Poderíamos apontar como fator de congregação o território, o fato de frequentarem o mesmo espaço público. Mas também chama a atenção o exercício do confronto. Sujeitos das diferentes tribos tencionam o encontro, tanto no espaço material quanto no virtual, tornando-o quase um confronto. Isso, porém, parece estar previsto no protocolo de comportamentos permitidos na comunidade. É um dos atrativos do encontro, compondo assim o cimento do “estar junto” (MAFFESOLI, 2006, p.126).

No texto de apresentação da comunidade virtual Praça Portugal, há um convite para se reunirem ali “aqueles que fizeram da praça seu segundo lar ou, ainda, aqueles que quiserem aparecer por lá para se enturmar”. E adverte: “Tem vários tópicos para brigar. Não criem novos. Usem os que já existem”. Como que para provocar o encontro/confronto, a comunidade apresenta uma enquete: “Você é *emo*, *head banger* ou *otaku*? (após votar, deixe comentário pra se identificar)”. Torna-se assim explícito que essa comunidade virtual é um território para manifestação de diferenças, apontando para uma



“autocartografia do real”, como diz Lévy (1999, p. 196), com direito a todas as espécies de acidentes geográficos.

A ocupação do espaço público também é um tema recorrente nas discussões dos fóruns. As tribos reivindicam entre si o direito à ocupação do território, à livre expressão no terreno da praça. “A morte da praça” é um tema bastante freqüente. Alguns membros evocam um espírito de harmonia e identificação que teria sido abalado com a chegada de novos grupos e freqüentadores. As razões para freqüentar ou não a praça evidenciam as diferenças entre as tribos, mas também outras, como as diferenças de classe social e de orientação sexual.

TÓPICO “AKBO A PRAÇA” (identificação/comentário)

Anônimo

{AKBO A PRAÇA}

olha,na boa,faz um tempo ja ki naum ando por la
+ sempre quando tenhu tempo,vo por la pra reuni a glera
animeira & metal,so que ja faz um bom tempo ki a praça perdeu
o gosto d ir,pq so tem EMO(grande parte das vezes eh biscoito)awe
a glera preferi ir la pro dragaum,qual eh,kd a glera lp ki ia todos os
sabadux,poh,ta na hr da glera "do mal" aparesser,tinha mo glera lp
ki ia e agora preferi "morga em ksa" ao ir pra praça!!!!!!

ddiz awe glera,qual a opiniaum d vc's!!!!!!!!!!
a minha ta awe.....

A¹².

sei naum viu... os tru daih tbm tah dizendo q soh tem emo colanu nakela poh....

lembro quando eu frequentava a praça, 2h em ponto jah tinha neguim na grama
e tretando c/ os segurança p/ fikar vendo os álbuns de anime nas mesas do Mac
huahaaahuuahua

mas pouco antes de eu mudar de cidade (e eh q faz mais de 1 ano hein!)
chegava 5h da tarde, e a praça ainda tava vazia T_T mesmo quando não tinha
filme da hora pra ver c/ a otakarada lah em cima no aldeota.... u_u

vou pensar 2x em passar dezembro em fortal..
enquanto isso colo aki na praça..da Liberdade, aonde tem cosplay loko todo fds
no metrô(｡◕‿◕｡)

L.

todos os lados e todas as tribos que frequentam ali quer dizer uma grande parte
está errada...

por isso que o dragão é melhor...

pq se colar um mendigo la o pessoal conversa numa boua e faz amizade numa
boua...sem essa de materialistas que so pensam no verbo "ter"

¹² A identificação dos membros será feita apenas com iniciais dos nomes para preservar as identidades dos usuários.



H.

A praça na verdade é de gerações, a dos emos já deve ser a sétima ou oitava geração, e sempre a geração anterior fala que a posterior é pior, comecei a ir a praça com 14 anos em 2003, e já havia pessoas falando que tinha deixado de ir por causa da gente.

Não faz diferença, daqui a alguns anos quem frequentava a praça vai falar que os novatos, não prestam, então tanto faz.

eu acho que a praça acabou simplesmente é cíclica, e esta em constante renovação, independente de quem vai pra lá.

I.

Bom, pra começar eu bato direto no seu comentário dono do tópico, como a praça acabou se todos os sábados lá vive lotado ? Esse comentário seria no mínimo fútil. Vamos ao que interessa, você está dizendo que a praça acabou por causa dos emos, bom.. eu ando lá desde 2006, e desde essa época já havia emos sim, e já havia tbm homossexualismo, cada um é cada um, e faz o que quer e bem entende, eu nunca me incomodei por esse fato, tanto é que quem se aproxima de mim eu converso na limpeza, independente de preconceitos ou esteriótipos. A praça é grande o suficiente pra caber pessoas de todas as tribos, seja emo, metaleiro, otaku, etc. Sempre conviveram diversas tribos lá, e pq SÓ hoje vieram questionar a questão da decadência da praça portugal ? Creio eu que vocês estão com certo preconceito, claro, não é bom ficar vendo homens se beijando ou algo do tipo, mas lógico que dá pra conviver na paz com tudo isso, pois, aonde estivermos, sempre haverá esse tipo coisa, pois vivemos numa sociedade multiplista. Sobre o preconceito entre as tribos, ele sempre haverá, nem que seja por parte de uma minoria, de certa forma autoritária.. não adianta achar que um dia esse preconceito irá acabar ou mesmo querer "reformatar" a praça , esse preconceito sempre haverá, nem que seja mínimo. Portanto, vamos deixar de besteira de dizer que a praça está acabando, que a praça é isso ou aquilo, e vamos freqüentá-la, pois divergências sempre haverá, preconceito sempre haverá, pessoas diferentes sempre haverá, tribos diferentes sempre haverá.. o que certas pessoas devem mudar é apenas o modo de ver as coisas, respeitar mais o próximo, se ver dentro de um local em que existem divergências sim, mas divergências pra serem respeitadas, e vivendo mutuamente sem brigas e/ou preconceitos.

(Trechos disponíveis em: <http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=706566&tid=2565752231440997310&kw=akbo>)

Tal qual a praça material, a comunidade virtual é espaço de diferenciação e identificação dos indivíduos reunidos coletivamente e é aí que a dimensão política se manifesta. É evidente a reivindicação do direito individual ou de um grupo diante do direito comum.

O ciberespaço apresenta-se como um novo ambiente simbólico, como observa Castells (1999), em que há uma diferenciação social e cultural estabelecida entre os usuários de mídia de acordo com seus interesses, “por meio da exploração das vantagens das capacidades interativas” (CASTELLS, 1999, p.457). Assim também poderíamos considerá-lo como espaço para as vivências políticas, diante do conceito de



político que se define por “um espaço onde conflitos e antagonismos buscam realizar-se, tendo como consequência a impossibilidade do consenso” (PRADO, 2006, p. 197).

O território, ou melhor, a praça, é espaço para a construção de uma sociabilidade a partir do encontro de identidades, “um compartilhamento de valores, crenças e lógicas de reciprocidades” (LEAL, 2006, p.194). A comunidade da Praça Portugal, seja reunida no espaço físico ou no virtual, apresenta-se com uma dimensão de diferenciação e identificação daqueles sujeitos reunidos coletivamente. A identificação com uma tribo é o exercício do direito de ser diferente, mas também o compartilhamento do sentimento de pertença a um grupo. O indivíduo se emancipa a partir da percepção de igualdade. Bruno Souza Leal (2006) afirma que é assim que nasce o sujeito político, “no espaço entre o direito comum e a peculiar alteridade” (LEAL, 2006, p. 189). Seria então inevitável o caráter político nas comunidades.

É assim que desponta o político entre os frequentadores da Praça Portugal, tanto no espaço material ou virtual. Seja no encontro presencial na Praça Portugal, aos sábados, ou nos contatos virtuais estabelecidos por meio da comunidade virtual no Orkut. No exercício do direito à diferença, ao pertencimento à determinada tribo, à reivindicação do direito de ocupar o espaço público e de manifestar-se livremente, tanto na praça pública quanto no espaço virtual. Daí a importância dos confrontos frequentes entre os jovens, tanto nos encontros presenciais, como nos virtuais.

O termo político aqui é empregado considerando a expansão ou redimensionamento do político, que permite uma abordagem crítica à tradicional divisão das formas de inserção no espaço público (PRADO, 2006, p. 194). Marco Aurélio Prado (2006) indica, a partir de autores localizados nas teorias pluralistas de democracia, “a emergência do político como um espaço de antagonização social”. A partir dessa compreensão, o espaço público se configura não só pela dimensão da política institucionalizada, regulatória, mas também do “político laboratorial”, “do espaço onde antagonismos passam a emergir, do espaço onde a emergência, a interação e a expressão de atores coletivos são primordiais” (PRADO, 2006, p. 195). É a interação de sujeitos coletivos muito mais plurais que exige o redimensionamento do político para a compreensão das dinâmicas no espaço público.

Os exemplos de postagens citados abaixo caracterizam o pertencimento a um “nós da comunidade” e também a diferenciação em seu âmbito. No primeiro, os participantes estão compartilhando seus endereços para uma conversa reservada num *chat*. O código para o aceite é dizer que se trata de alguém da comunidade virtual Praça



Portugal. No segundo, em que o assunto é uma briga ocorrida num encontro presencial de sábado, os preconceitos diante da homossexualidade são expressos e viram tema para debate.

TÓPICO [ADD GERAL] FAZENDO NOVAS AMIZADES
(identificação/comentário)

N.
pode add...^^
mas avisa que é da comu blz?!?!?
vlw aí glr...
U-〈[笑](#)た☆☆☆
everton160@hotmail.com

Eu naum add emos nem abaitolados
(disponível em: [http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?
cmm=706566&tid=2591546456423392907](http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=706566&tid=2591546456423392907))

TÓPICO “QUEM VIU A BRIGA HJ?”

R.
olha
uma bicha dedendo a outra
tô é estudando
e pra desestressar
esculacho com vermes feito vocÊs
bostas presunçosas
=D
Bando de bicha
virem hmem seus porra!
'S.
itaaa gata, o negocioo aqe ta eh brabo —'
esses gay's incubadoos ficam mandando os outroos virarem maxo..
se nao fosse gay, nem aqe num tava.. ain sinceramente!
poupe-me de preconceitoos. pq isso é crime!
e se eo bater um print e quizer processar, eo posso e o dito q falou se lasca
todinho! (;
(Disponível em: [http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?
cmm=706566&tid=5209241687372237132&na=3&nst=21&nid=706566-5209
241687372237132-5210868006803638604](http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=706566&tid=5209241687372237132&na=3&nst=21&nid=706566-5209241687372237132-5210868006803638604))

O terreno da Praça Portugal e o espaço da comunidade virtual configuram-se como espaços delimitados para a vivência de conflitos, experiência necessária para o exercício da cidadania. Porém, se a experiência de convivência grupal torna-se exercício político não é este um propósito, e sim uma consequência própria das relações sociais.

Os sujeitos reunidos tanto na praça material como na comunidade virtual vivem o que Maffesoli (2006) chama de “estar junto à toa”, ou seja, a socialização pelo lúdico, sem uma finalidade posta. Para o autor, manifestações gregárias dessa ordem estariam inseridas numa “nebulosa afetual” que envolveria as relações sociais contemporâneas, uma epidemia de situações fusionais caracterizadas por uma tendência orgiástica,



dionisíaca. Entre conseqüências da endemia de situações fusionais estaria a instabilidade das relações e a teatralização da vida cotidiana. São relações empáticas, não contratuais, sem um propósito pré-definido.

A pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*. (MAFFESOLI, 2006, p. 133)

O domínio de tal “ordem de fusão” é mediado por uma lógica da estética. O termo “estética” faz referência “a faculdade comum de sentir, de experimentar, e também de reconhecer-se” (MAFFESOLI, 2006, p. 134). Essa perspectiva protegeria o não idêntico, que seria oprimido pelo constrangimento da identidade. Abre-se espaço para a vivência da diferença em relação ao todo e da pertença a determinado grupo. Maffesoli (2006) propõe perceber o cimento de um dado conjunto justamente nas heterogeneidades. Modos de vida estranhos que engendram em pontilhado uma forma de viver em comum. É o que Maffesoli chama de neotribalismo.

O neotribalismo é distinguido do tribalismo clássico, estável. Na contemporaneidade, a identificação com um grupo é fluida, estabelecida por ajuntamentos pontuais e pela dispersão. Um ir-e-vir de um grupo a outro, diferente da simples agregação a um bando, a uma família, a uma comunidade. Maffesoli (2006) descreve um “incessante *travelling*”, com condensações instantâneas a partir de envolvimento emocional, uma sucessão de sedimentações que constituem a ambiência estética contemporânea.

Teóricos apontam manifestações de neotribalismo em diversos terrenos da contemporaneidade. Porém, no ciberespaço, as condições para semeá-lo são ainda mais favoráveis. A ordem de fusão, o desejo de estar junto encontra os meios técnicos para satisfazê-lo a toda velocidade. O ciberespaço potencializa a compressão da relação espaço-tempo. Os sujeitos podem agir e interagir à distância e em tempo real, por meio da escrita, da voz, da visão e da audição. Aqueles que têm acesso a um computador pessoal conectado à rede mundial de computadores dispõem da interconexão, independente de limites geográficos e filiações institucionais. Isso, à primeira vista, parece favorecer a interação de indivíduos com afinidades e interesses comuns. É como vem se desenvolvendo a chamada cibercultura. Para Maffesoli (2006), um ethos em formação; um novo espírito do tempo, características culturais e sociais específicas.



Considerações Finais

As relações engendradas no ciberespaço dinamizam a ocupação do espaço público. A constatação feita a partir do estudo de caso da Praça Portugal e a comunidade virtual homônima do Orkut conduz à refutação da tese dos críticos da cibercultura, que avistam a ameaça do isolamento dos sujeitos ou do colapso da vida social a partir da expansão da comunicação mediada pelo computador. Tão pouco o caso estudado aponta para uma experiência profícua decorrente da construção de uma inteligência coletiva. São vistas mais claramente vivências de processos de identificação e diferenciação, antagonismos que se configuram como experiências políticas.

Para reconhecer o político em manifestações juvenis como os encontros na Praça Portugal e na comunidade virtual de mesmo nome, é preciso considerar o conceito de forma ampliada, para além da dimensão da política institucionalizada, regulatória. O político está no antagonismo que opõe os jovens em torno das questões suscitadas nos fóruns de discussão, nos conflitos que emergem da interação social.

O político está posto nas relações entre os frequentadores da Praça Portugal tanto no espaço material, como no virtual, nos exercício do direito à diferença, no pertencimento à determinada tribo, na reivindicação do direito de ocupar o espaço público e de manifestar-se livremente.

A partir dos comentários dos membros, é possível perceber que o ciberespaço amplia a possibilidade de construção de sociabilidade, como uma extensão do território da praça. Portanto amplia também as possibilidades de vivências democráticas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LEAL, Bruno Leal. A comunidade como projeto identitário. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres S. (org). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, v.1; p.183-192.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.



PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e, RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, Júlio César (org). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 144-164.

PRADO, Marco Aurélio M. Movimentos sociais e massa – identidades coletivas no espaço público contemporâneo. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres S. (org). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, v.1; p.193-211.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Notas sobre algumas praças contemporâneas: o design na paisagem. In: *Paisagens em debate - revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente*, São Paulo, FAU.USP, n. 01, dezembro 2003.